



# D. MIGUEL D'AVERSA

## CARTA MORTUÁRIA

“DOM BOSCO SERÁ MEU PAI  
NA CONGREGAÇÃO SALESIANA!”

★ 13/06/1915  
ITÁLIA

✝ 20/03/2004  
MANICORÉ - AM





# Apresentação

---

Ao celebrarmos hoje, dia 05/12/2018, o Jubileu de Diamantes da Inspetoria São Domingos Sávio, fazemos chegar em suas mãos a Carta Mortuária de Dom Miguel Antônio D'Aversa. Mais do que uma obra de erudição ou um denso texto biográfico, partilhamos com os membros da Família Salesiana os traços fundamentais daquele que foi o primeiro Inspetor desta amada Inspetoria e que deixou registrado, de modo indelével, sua contribuição com a história e a vida dos povos da Amazônia

Homem de coração generoso e hábil capacidade para a escrita, minutou com precisão os mais importantes fatos dos inícios do trabalho salesiano na Amazônia. Nos últimos anos de sua vida, quando as ocupações ficaram mais brandas, publicou uma série de livros sobre a vida dos missionários em uma série conhecida como “Heróis Autênticos”. Publicou o “Resumo Histórico da Fundação das Casas da Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia”, e o “Histórico da Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores de Manicoré”, entre tantas outras obras.

Dom Miguel narrou em seus escritos não somente os dados dos irmãos, mas, deixou marcas da personalidade, dos traços emocionais, das alegrias e desafios da missão. Cada salesiano e obra sobre quem escreveu teve com ele um contato em primeira pessoa. Sem esse precioso trabalho muito do que hoje temos de documentação da história dos salesianos na Amazônia teriam se perdido.

Ao publicar sua carta mortuária, com testemunhos de pessoas que conviveram com D. Miguel, além de imensa alegria, minoramos nossa dívida de gratidão para com ele. Assumimos também o compromisso de dar continuidade ao seu legado, divulgando nos próximos meses a carta dos irmãos falecidos nos últimos anos.

Por fim, nosso agradecimento a Dom Walter, P. Mário, Ir. Antonio e P. José Dalla Valle, pelos testemunhos gentilmente oferecidos.

Que do céu Dom Miguel olhe por nós, interceda por este povo que ele tanto amou e por quem deu o melhor de suas energias e forças, até o fim, como um Herói Autêntico.

  

---

*Inspetor*



# D. MIGUEL D'AVERSA

“Dom Bosco será meu pai na Congregação Salesiana!”

---

*“Salesiano simples, Sacerdote, Inspetor e Bispo simples. Dom Miguel foi atencioso, um homem fiel, um homem de Deus que se interessava sinceramente pelo bem das pessoas”.*

*(P. José Dalla Valle, sdb).*

Filho de Francisco D'Aversa e Vittoria di Florio, Miguel Antônio D'Aversa nasceu em Cercemaggiore (Campobasso) Abruzzi (Itália), em 13 de junho de 1915, dia de Santo Antônio. Conforme o costume corrente entre as famílias cristãs da época, recebeu o batismo 2 dias após nascido, na Igreja Paroquial da mesma cidade em 15 de junho de 1915.

Criança de viva personalidade, aos 10 anos, quando perguntado pelo pai o que queria ser quando crescesse, respondeu sem pestanejar – “quero ser padre!”. Por infelicidade do destino, o pai não pode ver, anos mais tarde, o sonho de seu filho ser realizado, pois veio a falecer no dia 13 de março daquele mesmo ano.

Em 17 de junho de 1926, com 11 anos de idade, Miguel Antônio foi Crismado na Igreja N. S. da Cruz da Diocese Benevento (Abruzzi) dando prosseguimento ao seu itinerário de desenvolvimento na fé. Agora órfão de pai, como o nosso pequeno João Bosco, caberá à sua mãe e aos demais membros da família ajudarem no seu crescimento humano e espiritual.

Entrou no Seminário Salesiano em Gaeta (Itália), em 30 de setembro de 1931, aos seus 16 anos. Fato marcante no seu processo de conhecimento da vida religiosa salesiana foi a Canonização de Dom Bosco em 01 de abril de 1934. “Miguel tem a sorte de ir a Roma e participar dos acontecimentos apoteóticos dedicados a Dom Bosco”. São Milhares de jovens de todo o mundo que se reuniram na praça São Pedro, juntamente



com os salesianos. A sua vocação se robustece – “Dom Bosco será meu pai na Congregação Salesiana!” - decidiu-se o jovem Miguel.

No seminário de Gaeta, onde ficou de 1931 à 1935, preparou-se para o noviciado. Recebeu a batina das mãos do Padre Dionisio Casaroli, em 07 de julho de 1935. Com apenas 20 anos de idade, é enviado como missionário ao Brasil, desembarcando por Recife (PE), em 09 de setembro de 1935. Deu prosseguimento ao noviciado em Jaboatão (PE). A Primeira Profissão Religiosa deu-se em 15 de setembro de 1936.

Como era comum na época, fez votos por dois anos, assim sendo, renovou os votos somente em 15 de setembro de 1938. A Profissão Perpétua aconteceu na cidade de São Paulo/SP, no bairro da Lapa, em 29 de maio de 1942.

Estudou filosofia em Jaboatão (PE), de 1937 à 1939. Fez tirocínio no Liceu Sagrado Coração de Jesus em Recife (PE), de 1940 à 1941. Estudou teologia no Instituto Salesiano Pio XI, na Lapa (SP) de 1942 à 1945. Foi ordenado diácono na cidade de São Paulo (SP) em 17 de março de 1945, pela imposição das mãos de Dom Carlos Carmelo V. Mota. Ordenado sacerdote também em São Paulo (SP), em 08 de dezembro de 1945 pela imposição das mãos de Dom José Carlos Aguirre. Celebrou sua primeira missa no Ipiranga, na casa de noviciado das Irmãs Salesianas.

O Padre Miguel D'Aversa, realizou diversas e variadas atividades ao longo de sua vida religiosa. Após ordenado, o veremos em Recife (PE), no Liceu Sagrado Coração de Jesus como catequista. De 1948 à 1950 continua em Recife (PE) animando o Aspirantado como catequista e encarregado.

Em 1951 é transferido para Jaboatão (PE), onde passa a residir na Escola Agrícola São Sebastião, como Diretor Mestre dos Noviços até 1955.

Em 1956 é nomeado Inspetor da BRE (Inspetoria São Luiz Gonzaga) do Nordeste, que é responsável pela animação das casas do Norte do país, passando, portanto, a ter um contato mais intenso com a região



Amazônica. As visitas sempre longas por conta das grandes extensões territoriais, fazem a congregação refletir a possibilidade da criação de novas Inspetorias pelo mundo, decisão que será tomada no Capítulo Geral seguinte.

Em 09 de agosto de 1958, o Reitor-Mor, P. Renato Ziggiotti, assina a obediência do P. Miguel como futuro Inspetor do Norte. P. D'Aversa, recebe e assina o termo em 20 de outubro do mesmo ano. Finalmente, como o decreto de ereção, de 5 de dezembro, torna-se o primeiro Inspetor da Inspetoria São Domingos Sávio, com sede em Manaus/AM.

Em 21 de maio de 1962, enquanto fazia visita inspetorial à comunidade de Pari-Cachoeira/AM, segundo relato do P. José Dalla Valle, recebeu a notícia de sua nomeação como Bispo Titular de Macri e Prelado de Humaitá (AM). A ordenação episcopal deu-se na Basílica de Maria Auxiliadora, em Niterói (RJ) no dia 05 agosto de 1962. O Bispo consagrante foi o então anúncio Apostólico, Dom Armando Lombardi.

Toma posse da Diocese de Humaitá (AM) em 15 de agosto de 1962, na festa de Nossa Senhora da Assunção, no qual prestou relevantes serviços ao povo de Deus, especialmente aos ribeirinhos. Em 26 de maio de 1978 renuncia à Igreja titular de Macri, aos 63 anos de idade é nomeado BISPO DIOCESANO DE HUMAITÁ em 04 de dezembro de 1979. Em 1990, ao alcançar a idade canônica, renuncia ao bispado e decide morar, a partir de 1992, em Manicoré (AM).

Em Manicoré, levou uma vida modesta. Servidor, estava sempre pronto para atender quem dele precisasse. Na comunidade, não fazia nenhuma exigência e nem manifestava preferências por isto ou aquilo. Continuou sempre usando sua batina cor de creme, segundo P. Mário Zangarini, resquício de suas dificuldades em assimilar as mudanças provocadas pelo Concílio Vaticano II. Faleceu em Manicoré (AM) dia 20 de Março de 2004. Seu corpo foi levado para Humaitá (AM) e está sepultado na Catedral da cidade.



Por ocasião do jubileu de ouro da Inspetoria em 2008, Dom Waletr Ivan, Bispo emérito de São Gabriel da Cachoeira, escreveu uma obra intitulada: 50 anos de uma Inspetoria Missionária: “Amazônia 1958-2008”. Neste escrito, foram dedicadas algumas páginas para o perfil e trabalho de Dom Miguel.

O texto que segue, é portanto, recortes dos escritos de Dom Walter, omitimos do texto a contextualização histórica sobre a presença salesiana na Amazônia e as informações biográficas já registradas.

*“Evidentemente, a história de uma Inspetoria supera muito a de cada Inspetor. cremos, porém, ser conveniente expô-la a partir de cada período inspetorial, porque cada um assinalou uma ou mais mudanças importantes que o caracterizam.”*

Dom Miguel exercia o cargo de Inspetor Salesiano do Nordeste desde 1956, quando foi designado para chefiar a nova Inspetoria que se formou na Amazônia. Ele mesmo historia o fato na Crônica da Inspetoria, inaugurada por ele e, mais tarde, continuada pelos dois imediatos sucessores:

De 20 de julho à 8 de agosto de 1958, realizou-se o 18º Capítulo Geral da Congregação Salesiana, sob a presidência do Reitor-Mor, Pe. Renato Ziggiotti. O Capítulo terminou no dia 9 pela manhã. Pela tarde, cumprindo as determinações do mesmo, reuniu-se o Capítulo Superior (hoje Conselho Geral), com os três conselheiros recém-eleitos e anunciou a criação de três novas Inspetorias e duas Visitadorias. No dia 10, na hora do almoço, foram distribuídas as obediências aos novos Inspetores: A Inspetoria do Recife coube ao Pe. Agenor Pontes e a de Manaus ao Pe. Miguel D’Aversa.



A nova Inspetoria, intitulada ISMA (Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia), a primeira anunciada, abrangia os estados; Maranhão, Pará e Amazonas e os ainda territórios limítrofes. Apesar de várias propostas para que a sede fosse Belém, estabeleceu-se que seria em Manaus, por ser o centro geográfico da região. “Apesar da divisão -relata a crônica – é mais extensa do que a Inspetoria da qual foi desmembrada”.

Na sua última circular como Inspetor do Nordeste, escrita em Recife (24 de setembro), o Pe. Miguel D’Aversa anuncia aos irmãos esses acontecimentos e se despede deles. No dia 6 de novembro chega a Manaus e toma posse da nova Inspetoria, cuja sede, por determinação dos superiores, foi a então chamada Escola Industrial S. Domingos Sávio, na rua Visconde de Porto Alegre.

Imediatamente, a partir do dia 8 de novembro, inicia as visitas às casas da Inspetoria: O Colégio D. Bosco, de Manaus, as casas salesianas de Porto Velho, Humaitá, S. Gabriel da Cachoeira (cidade que na época chamava-se Uaupés) e Belém. Vai ainda, em dezembro a S. Paulo presenciar a Ordenação Sacerdotal de 33 padres novos salesianos, entre os quais três da Inspetoria.





A Inspetoria se instalou em humildes e restritos ambientes (três saletas, hoje destinadas à lanchonete da Paróquia), no fundo do pórtico, além do qual se construiu mais tarde a igreja de S. José. Na casa funcionavam as séries do curso fundamental e as oficinas, ocupando todos os ambientes. Sua primeira circular como novo Inspetor data de 31 de janeiro de 1959 (escrevera seis circulares como Inspetor do Recife).

Preocupa-se sobretudo, após a visita às casas, com a organização do Arquivo Inspetorial, com as escrituras dos imóveis de cada casa e os títulos dos irmãos, pois na época quase todos eram professores nos colégios.

Logo, porém, nas circulares que se seguiram durante o seu mandato, revela-se insistente a preocupação pelas vocações: “Sem esse trabalho, nossa Sociedade envelheceria e cedo pereceria”. Determina que Ananindeua, depois de necessária adaptação, “começará regular e definitivamente, para todos os efeitos, a ser exclusivamente casa de formação para a ISMA”. Por muitos anos, porém, continuou a funcionar como Casa dos Filhos de Seringueiro, convivendo estes em maior número com os primeiros aspirantes.

Na sua quinta circular (outubro de 1961) anuncia o propósito de criar na sede inspetorial, onde já havia oficinas, o Aspirantado para Irmãos Coadjuutores. Outra preocupação, revelada pelas circulares, é pela intensificação da Catequese, cômico como estava da ameaça do protestantismo, espalhando-se por toda a América Latina. “Que as aulas de religião não sejam um apêndice em nossas casas!”. Mais tarde, como Bispo, escreverá um opúsculo contra os erros do protestantismo.

A sua preocupação pela piedade dos irmãos o leva a exortações a respeito: “Que não haja perda de vocações por esse grave descuido”. Suas seis circulares na ISMA, refletem a mentalidade de quem trabalhou somente em casas de formação (como ele mesmo expressou mais tarde ao ser feito Bispo), e em colégios em regime de internatos. Daí, expressar preocupação pelas missas quotidianas, pelas boas-noites, pelo “silêncio sagrado até nos colégios onde funciona o curso noturno” e nenhuma palavra sobre



Paróquias, embora estas já funcionassem a cargo dos Salesianos no rio Negro, em Rondônia e em Humaitá.

Aliás, os Salesianos da ISMA, em geral, despertaram-se lentamente para a importância das Paróquias ao longo desses 50 anos de Inspeção, quer porque as Constituições antigas determinavam que “em via de regra, não se aceitem Paróquias”, quer porque as ocupações dos internatos os absorviam de tal modo que, em alguma das crônicas das casas, os paroquianos foram mencionados, às vezes, como o “povo de fora”. O próprio Inspetor D’Aversa, numa circular, exorta, numa festa de N. Senhora, a que “se convide também o povo do lugar”.

O Pe. Miguel D’Aversa iniciou uma crônica da Inspeção, escrita por ele mesmo e que ocupou, durante sua gestão, 54 páginas escritas à mão. Seus dois sucessores a prosseguiram, mas ocupando apenas quatro páginas cada um. Depois, não houve necessidade de continuá-la, pois seu assunto coincidia com o que vinha sendo tratado nas reuniões do Conselho Inspetorial, nas circulares do próprio Inspetor e, mais tarde, no Informativo Inspetorial que teve início no ano de 1969. Da crônica e das 16 reuniões do Conselho efetuadas sob a presidência do Pe. Miguel D’Aversa obtêm-se as seguintes informações:

### **Construções:**

As casas de Barcelos, Uaupés, Taracuá, estão de tal modo empenhadas em construções, que provocam a queixa, talvez exagerada, do Inspetor em sua circular: “pensa-se muito em construções e pouco nas almas”.

Em 1960, trabalhou-se na construção dos campos de pouso (de terra batida) em Jauareté, em Pari-Cachoeira e por fim em Taracuá, o que facilitou muito as visitas e o envio de mantimentos aos internatos através da FAB.

Em fevereiro de 1959, foi comprado um terreno na estrada do Aleixo, no Km 9 de Manaus, que o Inspetor queria destinar para o futuro Noviciado. Destinou-o a uma chácara e um incipiente aspirantado para Coadjuutores, que funcionou pouco tempo. Enfim, como Casa de retiros Mons. Lourenço Giordano e bastante ampliado, funciona até hoje.



No mesmo vasto terreno foi construído em 1982 o edifício, inaugurado pelo Reitor-Mór Pe. Egídio Viganó, para o Aspirantado salesiano. Hoje esse edifício é o Colégio D. Bosco-Leste, para alunos do Fundamental e Ensino Médio.

Em Porto Velho, o Colégio D. Bosco que até então funcionava na Casa Prelática, passou ao edifício atual, na rua Almirante Barroso, continuando a residir na Prelazia a comunidade de Párocos salesianos.

Em Belém, a Arquidiocese doou em 1959 aos salesianos o colégio do Carmo, com escritura emanada em 1961, em troca de um terreno comprado por estes e oferecido à cúria arquidiocesana.

### **Paróquias:**

Na Casa Inspetorial funcionava a Paróquia (há 12 anos, diz a crônica de 1959), a princípio, com Missas celebradas na igreja do Patronato Santa Teresinha, depois num amplo salão no primeiro andar do edifício do Oratório, embora sem nenhum documento de outorga por parte da Arquidiocese. Esse documento foi exarado em abril de 1961, mediante convênio. Começou então a construção da grande igreja em honra de S. José Operário, por obra do Pe. Estêvão Domitrowitch, novo ecônomo inspetorial.

Quanto às Paróquias das Missões no rio Negro, o Inspetor, em uma circular, se alegra de que o itinerante se ocupe na ereção de capelas e escolinhas nas aldeias, superando o trabalho de mera “desobriga”, é um progresso. Em 1961 exorta a que os índios Yanomami do rio Cauaburis sejam vestidos, sem perceber quantos problemas podem advir para a saúde e para a higiene de uma mudança precipitada de costumes.

Preocupa-se com os protestantes da região do rio Içana. É que naquele rio, o povo indígena foi missionado pela evangélica Sofia Müller antes do advento dos Salesianos, pelo que dois terços do povo de etnia Baniwa são protestanizados. Além disso, naquela década era ainda comum um relacionamento polêmico e não ecumênico entre missionários católicos e pastores protestantes.



### **Vocações:**

Desde fevereiro de 1959, a casa de Ananindeua é, por determinação do Inspetor, destinada a aspirantado. Era, até então, a Casa para o Filho do Seringueiro. Embora sendo considerada aspirantado, continuaram a ser aceitos, junto com aspirantes, numerosos alunos sem uma opção definida para o sacerdócio e vida religiosa.

Por isso, a relação do número de aspirantes, na crônica do Pe. Miguel D'Aversa, oscila muito de 100 a 120, não se podendo aceitar que o número real dos aspirantes chegasse a essa cifra, menos ainda a superasse. Somente na década de 80 começaram a ser aceitos exclusivamente jovens de opção declarada para o sacerdócio ou vida religiosa.

O Inspetor insiste repetidamente perante os Superiores, e sobretudo durante a visita do Visitador, Pe. Bellido em 1960, na obtenção de novos Salesianos vindos da Europa e de outras regiões. Obtém resultados com a vinda de dois padres, um coadjutor e três clérigos, da Colômbia, Espanha, México e Minas Gerais.

Sempre preocupado pelas vocações, lembra e insiste que todas os colégios sejam sementeiras de vocacionáveis. Em agosto de 1961 é criada a Prelazia de Humaitá, desmembrada do Rio Negro. D. José Domitrowitch é feito seu primeiro Bispo (fora Bispo auxiliar do rio Negro desde sua Ordenação em 1950). Porém, D. José Domitrowitch morre 110 dias após a sua posse na Prelazia. Em 5 de agosto de 1962, o Pe. Miguel D'Aversa é ordenado Bispo Prelado de Humaitá e toma posse no dia 15 de agosto. A Prelazia é elevada a Diocese em 4 de dezembro de 1979.



TESTEMUNHOS  
IR. ANTÔNIO STEFANI.

*“Dom Miguel D’Aversa era a simplicidade em pessoa.”*

Cheguei ao Brasil em 1970, aos 30 anos, cheio de entusiasmo, pronto a enfrentar as aventuras de uma nova vida. Após onze dias de navio EUGÊNIO COSTA, saindo de Genova (Itália), aportamos no Rio de Janeiro no dia de carnaval. Desembarcamos para nos misturar ao povo na grande festa popular. Não havia carros alegóricos, luxo, só o povo simples dançando e cantando atrás de um caminhão com o som elétrico. Voltamos ao navio de noite para chegar no porto de Santos no dia seguinte.

Um mês em São Paulo para aperfeiçoar a língua, já tinha estudado pelos livros, agora a prática. “Vale mais a prática que a gramática”, pura verdade. Depois de um mês, sabendo que tinha estrada para Rondônia (BR 364), pequei um ônibus. Viva a aventura! Estrada de chão, atoleiros, buracos profundos, ônibus balançando e quase virando, empurrando para sair do atoleiro.

Era tudo uma grande aventura, entretanto, chegando em Ji Paraná, povoado de poucas casas, uma febre danada me derrubou. Procurei se tinha paróquia. Sorte minha, encontrei o Pe. Bernardo Strick, holandês, salesiano. Deitei e por dois dias não sei o que aconteceu. Aos poucos recuperei as forças, e, sabendo que tinha avião que ia a Porto Velho, peguei. Era um DC 8, primeira vez que subia num avião, balançava como um carro numa estrada esburacada. Mas nada de medo, era aventura e eu gostava.

Em Porto Velho encontrei o Pe. Chiquinho, ao me ver meio abatido pela viagem, me deu um gostoso licor não sei de que. Fiquei bom. Na manhã seguinte de barco até Humaitá, onde cheguei às 7:00 hrs da manhã, vendo, admirado, os meninos fardados indo para a escola.

Humaitá, em 1970, tinha pouco mais de 2.000 habitantes, alguns carros, dois caminhões: um era o da Prelazia, que acabou incendiado no transporte de combustível.



A primeira pessoa a me receber foi justamente Dom Miguel, com sua batina de pano branco. Um simples aperto de mão, um “bem-vindo”, o convite a tomar o café da manhã. Acolhida simples, como de irmãos que se reencontravam depois de muito tempo.

Estava em “casa”, começava a minha missão, junto com Dom Miguel e Pe. Luiz Venzon. Aos poucos vim conhecer os outros irmãos itinerantes: Pe. Luiz Bernardi, Pe. Pascoal Ialongo (Auxiliadora do Uruapiara), Pe. Antônio Stiappacasse (Carapanatuba), que apareciam de vez em quando.

Falar de Dom Miguel D’Aversa fica difícil, pois não foi uma pessoa, podemos dizer “especial”, era a simplicidade em pessoa. Não era um comunicador de encantar os ouvintes, mas dizia e falava o que ele vivia. E o povo entendia o que ele dizia. Sabia dizer as verdades evangélicas usando o linguajar do povo.

Como Bispo nunca deixou de ser salesiano, vivia como religioso salesiano, pautando sua vida com as práticas e os ideais salesianos. Era muito comum em suas conversas se referir constantemente a episódios de sua vida salesiana como clérigo, padre e inspetor.





Amava a Congregação e os Salesianos, e deixou a prova disto escrevendo pequenos livrinhos, “Heróis autênticos”, onde relatava a vida dos primeiros salesianos missionários na Amazônia.

Enviou muitos humaitaenses para o aspirantado de Ananindeua, um deles é o Pe. José Manoel e o outro é o Sr. Raimundinho de Porto Velho. Outro, custeado por ele, foi para o seminário, se ordenou, voltou para sua terra como padre, mas não continuou.

Dom Miguel era muito respeitoso com os irmãos coadjutores, mostrava uma atenção especial para com eles. Posso afirmar isso porque foi assim que ele me tratava e assim que ele falava de outros irmãos coadjutores, que ele tinha conhecido, quando das nossas conversas.

Era e vivia como o pastor todo dedicado ao seu rebanho. Visitava frequentemente as comunidades do interior, pelas quais tinha um carinho todo especial. Quando retornava de suas viagens gostava de comunicar como tinha sido a viagem, falava das pessoas que encontrava, dos trabalhos das comunidades.

Foi um grande construtor de capelas e igrejas nas comunidades onde estivessem faltando. Era muito discreto e humilde; com os dois empregados da Prelazia tinha um relacionamento muito familiar. Interessava-se de suas famílias, ajudava, quando era necessário, até nos trabalhos respeitava suas competências sem se eximir de dar seus palpites.

Não lembro de tê-lo visto ou ouvido se queixar por algum incômodo de saúde. Sabia esconder bem seus males. Foi um bispo que não se dava importância pelo título, aliás, parecia que carregava este título como um peso. Era muito respeitado e amado pelo povo que via nele o verdadeiro pastor que dá a vida pelo rebanho.



*“O grande merecimento de Dom Miguel foi não perder a memória dos Salesianos que trabalharam durante toda a vida na inspetoria, principalmente na região das Missões”.*

Conheci Dom Miguel desde a época que era inspetor no Nordeste e depois aqui também, a experiência com ele foi sempre muito boa, muito amigo, muito atencioso em tudo e para todos. Só tenho palavras de elogio pelo bem que ele fez na época em que esteve conosco.

Ele foi um homem fiel, Salesiano simples, sacerdote, inspetor e também como o Bispo, uma pessoa maravilhosa, uma pessoa de Deus, que se interessava sinceramente pelo bem das pessoas.

Ele era inspetor da BRE (Inspetoria de Recife - São Luiz Gonzaga). Quando houve a divisão do Nordeste com Amazonas, aí foi transferido para cá. Ele veio como um inspetor da nova inspetoria, portanto o primeiro inspetor da Inspetoria São Domingos Sávio.

Dom Miguel foi um ótimo inspetor, muito bom mesmo, porque ele estava sempre no meio dos irmãos, visitando, animado em tudo e por todo o período de seu governo.

Seu inspetorado foi breve porque depois de quatro anos foi nomeado Bispo de Humaitá. Ele estava exatamente visitando as missões, a missão de Pari-Cachoeira, no rio Tiquié, quando chegou a notícia da nomeação dele para Bispo de Humaitá/AM.

Depois que passou a morar em Manicoré vinha a Manaus volta e meia para fazer algum tratamento de saúde de alguns dias depois ele regressava tranquilamente.

O grande merecimento de Dom Miguel foi não perder a memória dos Salesianos que trabalharam durante toda a vida na inspetoria,



principalmente na região das Missões. Ele se fez o encargo de manter viva a memória desses irmãos que trabalharam e morreram na inspetoria. Escreveu a carta mortuária de um grande número de irmãos e infelizmente não escrevemos a dele. Que bom que hoje alguém está providenciando esse escrito.

P. MÁRIO ZANGARINI

*“Sempre encontrei nele uma pessoa delicadíssima, de uma delicadeza fora do comum”.*

Fui Diretor na comunidade Salesiana de Manicoré nos anos finais de Dom Miguel. Sempre encontrei nele uma pessoa delicadíssima, de uma delicadeza fora do comum. Nosso primeiro encontro foi ainda na década de 80. Eu fui enviado da Inspetoria do Mato Grosso do Sul para uma experiência na Amazônia e os Inspectores acharam por bem que eu passasse um tempo com Dom Miguel na Diocese de Humaitá.

Fiquei à disposição do Bispo. O Bispo logo me fez uma proposta. Eu percebi que ele queria que eu fosse para Carapanatuba, na beira do rio, mas me fez uma proposta de várias outras localidades: carapanatuba, transamazônica e outras no interior. Eu preferi a transamazônica. Percebi que ele não gostou muito, mas aceitou. Sempre vi nele alguém de peito aberto, capaz acolher as opiniões de todos, preferindo ele sofrer do que fazer sofrer alguém por algum motivo.

Tem coisas que não vale a pena nem descrever, mas ele estava atento a todos. Quando estava em Manicoré, às 6 horas da manhã ele chegava, rezava o breviário. À tarde eu ia bater o sino e ele ia rezar o breviário, estava sempre na missa. No dia de seu falecimento fui tocar o sino primeiro, como ele não aparecia então fui no quarto dele e bati. Como não atendeu, entrei. Ele estava caído debruço. Deve ter, pelo que eu imaginei, caído e batido a cabeça no chão, isso deixou imóvel várias horas e ele morreu.



Foi impressionante ver como o povo acorreu para o enterro, eles não queriam que ele fosse embora de Manicoré. Mas, ele já tinha deixado registrado que queria ser enterrado em Humaitá, perto de Dom José Domitrowitch, a quem ele sucedeu.

Em Manicoré, o pessoal fez um túmulo provisório e o enterraram lá enquanto era preparado o traslado para levar os restos mortais para Humaitá. Aquele canto da igreja de Manicoré, onde foi feito o túmulo, tornou-se lugar de peregrinação contínua, inclusive depois que o corpo de Dom Miguel foi para Humaitá.

Para o traslado do corpo, veio um avião da Saúde dos Adventistas que podia pousar na água, porque ele queria passar com o corpo dele na comunidade de Auxiliadora do Uruapiara, então colocamos o corpo dele dentro do avião, eu fui também. Desceu na Auxiliadora e lá ele quis que levasse no corpo dele na igreja. Ela amava aquela comunidade.

Quando chegou o avião para levá-lo, quebramos os tijolos, retiramos o caixão já enterrado e o levamos. Ele decidiu ser sepultado lá pois era a sede da diocese. Mas, ele foi apegado mesmo à Comunidade de Auxiliadora, tinha um carinho todo especial. Ele fez de tudo para ter lá uma comunidade Salesiana, para ter o padre José Ferreira (salesiano do Nordeste), que estava dando auxílio contínuo. Padre Pascoal por um tempo também.

Vários Salesianos se revezaram nesse trabalho. O coração de Dom Miguel pertencia à comunidade de Auxiliadora. Quando os salesianos decidiram sair de Auxiliadora, ele sentiu-se traído, ficou bastante entristecido.

Outra dificuldade que Dom Miguel teve foi com o Concílio Vaticano II. Ele aceitou pois era obediente, mas nunca deixou de usar a batina. Sentia-se orgulhoso de ter sido o único a votar com o Papa quando pediu para colocar Maria como mãe da Igreja e os bispos não apoiaram.

Depois o tema foi aprovado, porém, Dom Miguel dizia – “Eu votei com o Papa desde a primeira vez”, gloriava-se, orgulhosamente. A devoção mariana era um traço importante de sua fé.



Como característica marcante de Dom Miguel, coloco em primeiro lugar, a delicadeza. Uma delicadeza excepcional, não queria fazer sofrer ninguém, aceitava tudo, se adaptava, tudo sofrendo, mas não queria que ver ninguém sofrer. Quando eu fiz o projeto do ultraleve ou quando tive o acidente com o carro ele foi sempre muito compreensivo.

## DADOS PARA O NECROLÓGIO

Tinha 88 anos de idade  
67 anos de vida religiosa  
58 anos de vida sacerdotal  
06 anos de Inspetor  
28 anos de Bispo de Humaitá  
11 anos de Bispo Emérito de Humaitá  
69 anos de chegada ao Brasil



*Dom Miguel e São João Paulo II  
em visita Ad Limina.*





INSPETORIA  
**SÃO DOMINGOS SÁVIO**  
*Salesianos Missionários da Amazônia*